

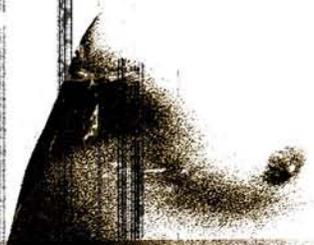


assédie



# Distante

*de Caryl Churchill*





# Distante

*Caryl Churchill*

**Caryl Churchill** **Distante**  
*[Far Away, 2000]*

Paulo Eduardo Carvalho	Tradução
João Cardoso	Encenação
João Cardoso e Nuno Meira	Espaço cénico
Bernardo Monteiro	Figurinos e chapéus
Nuno Meira	Desenho de luz
Francisco Leal	Sonoplastia

Alexandra Gabriel (Joan)	Interpretação
Rosa Quiroga (Harper)	
Paulo Freixinho (Todd)	

Ana Rita Rodrigues	Figuração
Ana Teresa César	
Bruno Martelo	
Carlos Silva	
Célia Fechas	
Daniel Viana	
Dina Bártole	
Miguel Cabral	
Miguel Malheiro	
Miguel Rosas	
Nuno Meireles	
Patrícia Miranda	
Pedro Manana	
Rui Vigo	
Zé Carlos	
Zé Mário	

José Rodrigues / Fernando Araújo  
Ricardo Esteves  
Carlos Barbosa / Henrique Magalhães

Operação de luz  
Operação de som  
Maquinaria

Alice Prata

Direcção de cena

Américo Castanheira  
Fernanda Resende

Serralharia  
Costureira

João Tuna

Fotografia de cena

João Cardoso  
Fuselog

Coordenação do programa  
Imagem gráfica

Alice Prata

Produção executiva

Susana Meneses

Logotipo ASSÉDIO

Co-produção ASSÉDIO/ Auditório Nacional Carlos Alberto  
com o apoio da Casa das Artes de Famalicão

*"Tu achas que eu consigo dormir?"*

1| **Com escada para quarto de cama**

Uma espécie de pesadelo não nos deixa dormir  
Uma espécie de sombra que nos acorda  
Um grito de alguém ou o uivo de um cão  
Um arrepio gela-nos a cama  
E construímos a história no lençol

2| **Com mesa de zinco**

Fazemos chapéus para não ter luz nos olhos  
Escondemo-nos dentro deles para não ver a noite

2.1| **Sem escada e sem mesa**

Com plumas apertamos o gatilho  
E purificamos os despojos com o fogo

Construímos a história na desconstrução do mundo  
Transfigurando sangue em asas de borboletas vermelhas  
E sobre os ombros cansados das vespas vamos apaziguando esta culpa  
Para no calor de penas de ganso poder encontrar o sono

**João Cardoso**

*PS. Dedico este espectáculo ao Paulo Eduardo de Carvalho*

## *Distante: adiar, antecipar ou transformar o futuro?*

Paulo Eduardo Carvalho

Escreve, pois, as coisas que vês, as que estão a acontecer e as que vão acontecer, depois destas. (*Apocalipse 1,19*)

A presença de Caryl Churchill no teatro português esteve, até agora, íntima e exclusivamente ligada à actividade irrequieta de Fernanda Lapa, responsável pelas encenações de três das suas mais de quarenta peças: *Top Girls*, em 1993 (produção Novo Grupo/Teatro Aberto), *Sétimo Céu (Cloud Nine)*, em 1997 (co-produção Escola de Mulheres e TNDMII), apresentada no Teatro Villaret, Lisboa, e no Auditório Nacional Carlos Alberto, Porto, e *Uma boca cheia de pássaros (A Mouthful of Birds)*, em 1998, nova produção da Escola de Mulheres, estreada na Sala Garrett do TNDMII. Caryl Churchill é protagonista maior de uma história decisiva do teatro do nosso tempo. Sobretudo porque integra um conjunto de dramaturgas que, a partir das décadas de 60 e 70, vêm corrigindo a (aparentemente) tão masculina tradição dramática inglesa. O que torna ainda mais significativo o facto de ela ser actualmente considerada um dos mais importantes nomes do teatro inglês, ao lado, por exemplo (e aqui será sempre uma questão de preferência), de Harold Pinter ou Edward Bond.

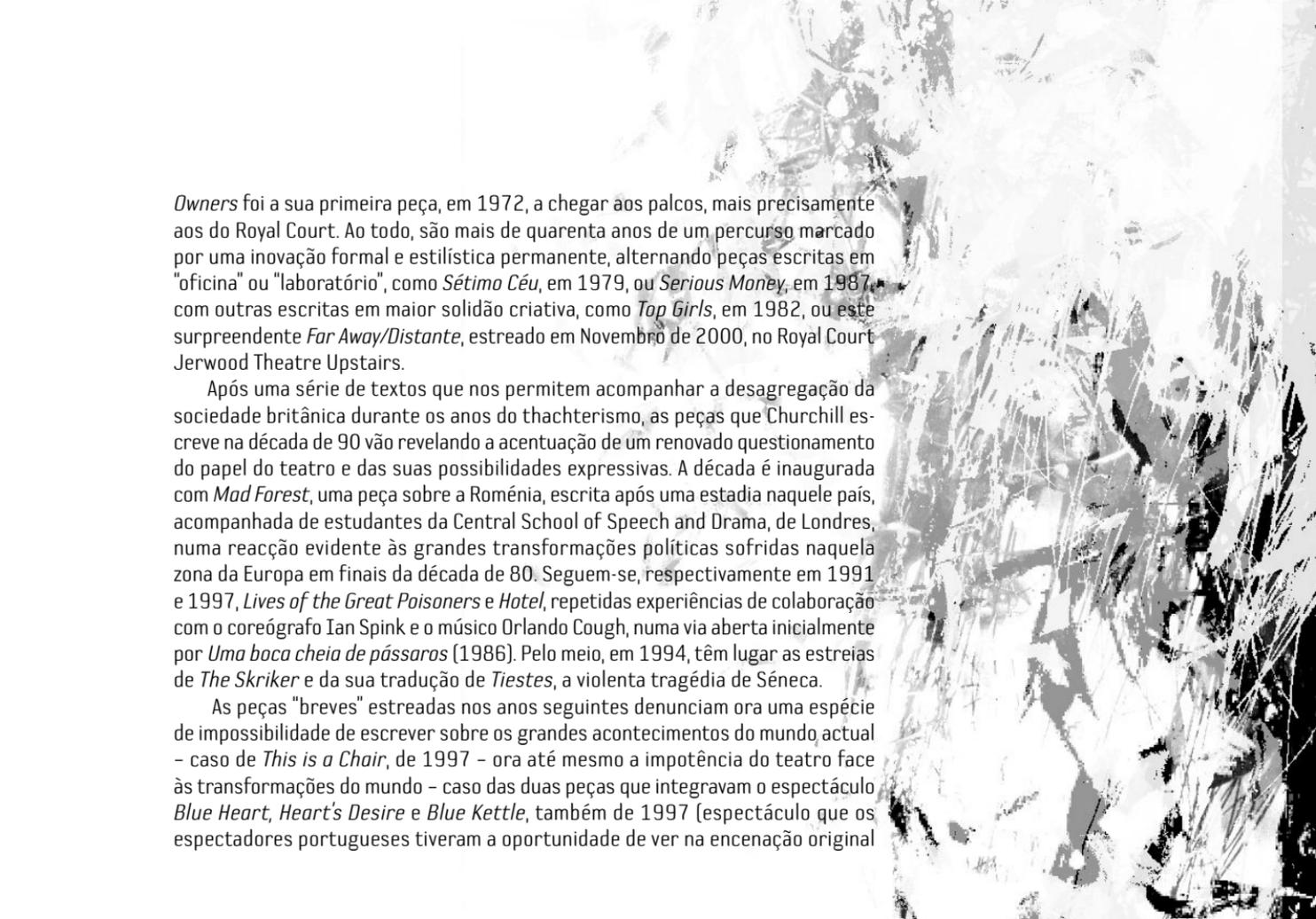
Como é possível verificar através do esboço biobibliográfico incluído neste programa, depois das experiências universitárias e das peças radiofónicas que escreve no período mais ocupado com os seus três filhos, é precisamente na década de setenta que se inicia uma nova fase na carreira de Churchill. Logo em 1972, com o acesso ao palco do Royal Court e, depois, através das suas colaborações com dois dos projectos mais representativos da nova realidade teatral britânica: o *Monstrous Regiment* (expressão retirada de um panfleto misógino do século XVI, do pregador John Knox)



e a Joint Stock Theatre Company, dirigida por Max Stafford-Clark, encenador responsável por diversas das primeiras produções das suas peças. A principal característica da sua carreira e das muitas obras que a integram é uma incessante atitude experimental, reinventando-se e reinventando o teatro britânico seu contemporâneo. Explorando diferentes géneros, estilos e possibilidades dramáticas, cada uma das suas peças combina uma imaginação exigente e profundamente atenta ao seu tempo com a busca de estruturas formais capazes de darem conta da evolução da experiência humana.

Uma das dimensões mais reveladoras da importância do percurso trilhado por Caryl Churchill ao longo das três últimas décadas é o imenso reconhecimento que lhe é demonstrado por alguns dos principais dramaturgos da geração mais recente do teatro britânico. Talvez que um dos casos mais exemplares seja o de Sarah Kane que, numa espécie de tributo à incansável experimentação formal de Churchill, chegou a declarar que "uma vez utilizada uma forma teatral, ela torna-se redundante. Por isso, de cada vez tento fazer uma coisa diferente". Mas outros dramaturgos desta nova geração têm também sublinhado, não tanto a sua "influência", mas antes o seu exemplo na exploração das possibilidades teatrais e na valorização das questões formais e estruturais. Mark Ravenhill, o autor de *Shopping and Fucking* - título que em si conserva algum eco da célebre réplica de Lin no Acto II de *Sétimo Céu*: "You can't separate fucking from economics" / "Não se pode separar o sexo da economia" - chegou a confessar que "*Top Girls* é a melhor peça dos últimos 20 anos. Ainda a releio pelo menos uma vez por ano".

Uma vez que somos sempre todos tão sensíveis a celebrações, recorde-se, pois, o facto de em 2002 se cumprirem trinta anos sobre a estreia profissional de Churchill em cena: após cerca de 10 anos a escrever peças para a rádio (e televisão),



*Owners* foi a sua primeira peça, em 1972, a chegar aos palcos, mais precisamente aos do Royal Court. Ao todo, são mais de quarenta anos de um percurso marcado por uma inovação formal e estilística permanente, alternando peças escritas em "oficina" ou "laboratório", como *Sétimo Céu*, em 1979, ou *Serious Money*, em 1987, com outras escritas em maior solidão criativa, como *Top Girls*, em 1982, ou este surpreendente *Far Away/Distante*, estreado em Novembro de 2000, no Royal Court Jerwood Theatre Upstairs.

Após uma série de textos que nos permitem acompanhar a desagregação da sociedade britânica durante os anos do thachterismo, as peças que Churchill escreve na década de 90 vão revelando a acentuação de um renovado questionamento do papel do teatro e das suas possibilidades expressivas. A década é inaugurada com *Mad Forest*, uma peça sobre a Roménia, escrita após uma estadia naquele país, acompanhada de estudantes da Central School of Speech and Drama, de Londres, numa reacção evidente às grandes transformações políticas sofridas naquela zona da Europa em finais da década de 80. Seguem-se, respectivamente em 1991 e 1997, *Lives of the Great Poisoners* e *Hotel*, repetidas experiências de colaboração com o coreógrafo Ian Spink e o músico Orlando Cough, numa via aberta inicialmente por *Uma boca cheia de pássaros* (1986). Pelo meio, em 1994, têm lugar as estreias de *The Skriker* e da sua tradução de *Tiestes*, a violenta tragédia de Séneca.

As peças "breves" estreadas nos anos seguintes denunciam ora uma espécie de impossibilidade de escrever sobre os grandes acontecimentos do mundo actual – caso de *This is a Chair*, de 1997 – ora até mesmo a impotência do teatro face às transformações do mundo – caso das duas peças que integravam o espectáculo *Blue Heart*, *Heart's Desire* e *Blue Kettle*, também de 1997 (espectáculo que os espectadores portugueses tiveram a oportunidade de ver na encenação original

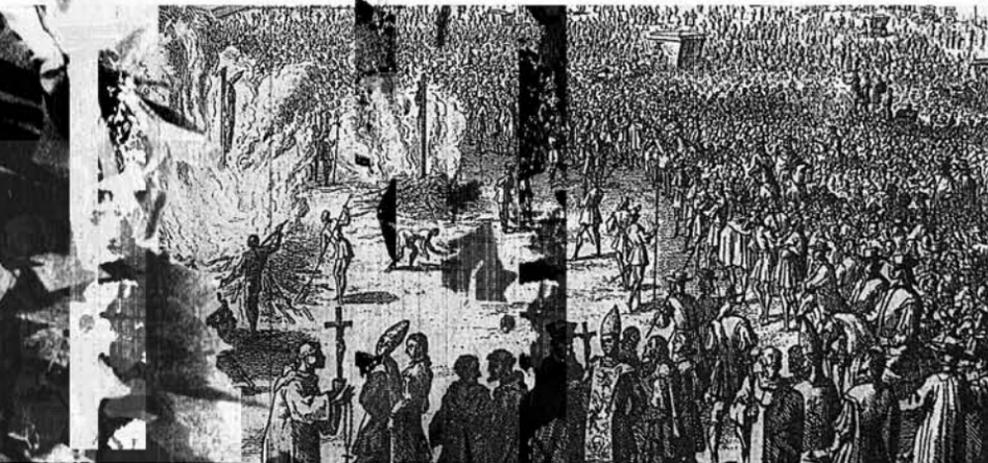
de Max Stafford-Clark, numa co-produção da Out of Joint e do Royal Court Theatre, em Maio de 1998, no âmbito das comemorações do 60º aniversário do The British Council em Portugal). Confirmando a vitalidade dos seus recursos imaginativos, estas duas peças breves revelam, contudo, uma criadora, de algum modo, numa espécie de impasse em termos da exploração de novas formas teatrais capazes de falarem do actual estado do mundo, optando por mergulhar fundo na desagregação da linguagem (como em *Blue Kettle*) ou por desafiar os recursos expressivos do teatro (como em *Heart's Desire*, que exige a súbita presença em cena de um número considerável de crianças, além de um grande pássaro, tipo avestruz!). Uma outra experiência a que a dramaturga se entregou, em Julho de 1999, no Duke of York's (Royal Court Theatre Downstairs), foi a direcção da leitura encenada de *Our Late Night*, de Wallace Shawn. (Recorde-se que a indignação de alguns sectores da sociedade britânica face à "obscenidade" de *A Thought in Three Parts*, do mesmo Shawn, estreada em Londres, em 1975, levava então Caryl Churchill, Howard Brenton, Barry Keefe e David Hare a subscreverem conjuntamente uma carta publicada no *The Guardian* em defesa do dramaturgo norte-americano e da liberdade criativa.)

A estreia de *Far Away*, em 2000, emerge como uma superação de tal impasse, apostando de modo ousado e arriscado nas possibilidades da forma breve e utilizando o futuro "distante" como estratégia para poder voltar a falar das nossas responsabilidades no presente. Mas são talvez outras as novidades desta breve peça em três cenas, com uma duração aproximada de cinquenta minutos: se, por um lado, encontramos a exploração de um modelo de escrita dramática alternadamente baseada numa gestão do suspense (como acontece, exemplarmente, na primeira cena) e apostada nos perturbadores efeitos sísmicos da irrupção de determinadas



palavras ou imagens verbais, por outro, esse apurado trabalho dramático integra uma fortíssima e inesquecível imagem teatral, descrita numa breve didascália: "Um desfile de prisioneiros esfarrapados, abatidos, agrilhoados, cada um deles com um chapéu, a caminho da execução. Os chapéus são ainda maiores e mais grotescos do que na cena anterior". Aquilo com que somos confrontados é uma espécie de *tableau vivant*, que funciona simultaneamente como metonímia perfeita desta perturbadora distopia política e social e como metáfora para mostrar o "inominável", nomeadamente a banalização da nossa convivência quotidiana com experiências de horror extremo.

Tanto esta parada de prisioneiros, ostentando os chapéus extravagantes confeccionados por Joan e Tood, a caminho da sua execução (numa vaga reminiscência dos condenados à fogueira da Inquisição, a quem alguns frades dominicanos, na Idade Média, chegavam a impor uns grotescos chapéus), como a linguagem, muito particularmente o cenário de absoluto *Armagedon* que nos é descrito na cena final, assinalam o regresso a uma estratégia estética que nunca esteve muito distante do universo dramático de Caryl Churchill. Refiro-me à comédia ou ao "humor surrealista", de que fala Peter Brook, modo encontrado pela dramaturga para penetrar "nas zonas mais obscuras da realidade quotidiana, onde a vida íntima se liga ao caos universal". A grande ousadia desta peça é a combinação ou articulação de paisagens realistas, ainda que estranhamente ameaçadoras (novamente, o extraordinário diálogo da primeira cena entre Harper, a tia, e a jovem Joan) com o apocalíptico retrato de um caos cósmico, apresentado como uma realidade ao alcance do nosso olhar, confirmando a irónica "distância" sugerida pelo título:



*JOAN: (...) Encontrei corpos empilhados e quando parei para ver, havia um morto por café, outro morto por alfinetes e outros mortos por heroína, gasolina, serras de cadeia, laca, lixívia, dedaleiras. O cheiro do fumo vinha do sítio onde estavam a queimar a relva que não tinha querido cooperar. Os bolivianos estão a trabalhar com a gravidade, isto ainda é um segredo, para não espalhar o pânico. Mas nós já estamos a conseguir resultados excelentes com o barulho e em Madagáscar já há milhares mortos pela luz. Quem irá recrutar as trevas e o silêncio? Era isso que eu me perguntava durante a noite.*

Se é grande o desafio à figuração teatral desta ficção dramática, não é menor o desafio ao envolvimento imaginativo do espectador, colocado na situação difícil de participar num sofisticado e, por vezes, elíptico, exercício de cólera e raiva fria, de indignação face a um universo que na generalização da indiferença parece vislumbrar a antecâmara para um vórtice de destruição. Se, na primeira cena, temos a ambígua pureza da voz de uma criança descobrindo o mal, atente-se no modo



como, na segunda cena, Joan e Todd se entregam a um diálogo que gira em torno de considerações artísticas, de reivindicações laborais, de especulações sobre a eventual corrupção da indústria chapeleira - completamente indiferentes ao horrendo propósito dos extraordinários chapéus a que entregam a sua dedicação e às barbáries nas quais estão tão directamente envolvidos.

A inscrição desta peça no repertório da ASSÉDIO encerra um inesperado ciclo sobre a crueldade e a brutalidade humanas, inaugurado por *Tia Dan e Limão*, do norte-americano Wallace Shawn, espectáculo estreado em Dezembro de 2001, com encenação de Nuno Carinhas, no âmbito do Porto 2001 Capital da Cultura, e continuado por *Cinza às cinzas*, do britânico Harold Pinter, com encenação e interpretação de João Cardoso e Rosa Quiroga, estreado em Fevereiro de 2002 no espaço dos Artistas Unidos, em Lisboa, e depois apresentado no Porto, no Rivoli Teatro Municipal, onde, no dia 27 de Março, Dia Mundial do Teatro, a ASSÉDIO leu também *Língua da montanha* e *A nova ordem mundial*. *Distante* acrescenta a este conjunto de textos uma visão mais apocalíptica sobre a *normalização* das atrocidades do nosso tempo e das nossas democracias, funcionando como uma espécie de justo epílogo a uma comum reflexão sobre as ficções que elaboramos em torno do nosso passado e da nossa história, e de como tudo isso afecta o modo como vivemos o presente e preparamos o futuro. Além disso, *Distante* recupera, para a ASSÉDIO, uma outra paisagem dramaturgica, menos centrada nos pontos de vista ou nas experiências, mais ou menos fantasmáticas, das suas protagonistas (como acontecia nas duas peças anteriores, com Limão, a tia Dan e Rebecca), e aproximando-se mais do universo experimentado com *(A)tentados*, de Martin Crimp (em 2000).

Michel Cournot falava, nas páginas do *Le Monde*, a propósito da estreia parisiense desta peça nas Bouffes du Nord, na encenação de Peter Brook, de "pedregulhos

## Caryl Churchill: Esboço biobibliográfico



Caryl Churchill nasce em Londres a 3 de Setembro. Passará grande parte da sua infância na capital inglesa, à excepção de um breve período passado em Lake District durante os anos da guerra.

**1972 >** Emissão das peças radiofónicas *Schreber's Nervous Illness* (BBC Radio 3, 25 de Julho) e *Henry's Past*. Mais ou menos ao mesmo tempo de *Schreber*, escreve *The Hospital at the Time of the Revolution*, uma peça ainda não representada. Produção televisiva de *The Judge's Wife* (BBC 2, 2 de Outubro).

6 de Dezembro, estreia de *Owners*, a sua primeira produção teatral profissional, Royal Court Theatre Upstairs, em Londres, com encenação de Nicholas Wright.

**1973 >** Emissão da peça radiofónica *Perfect Happiness*.

Estreia nova-iorquina de *Owners*.

**1974 >** Produção televisiva de *Turkish Delight*, BBC. Primeira dramaturga residente do Royal Court Theatre.

**< 1938**

**1975 >** Produção televisiva de *Save it for the Minister*, escrito em colaboração com Mary O'Malley e Cherry Potter, BBC.

Ainda antes de completar dez anos, a família muda-se para o Canadá, fixando-se em Montreal, onde Churchill viverá até aos 17 anos.	< 1948	Continua a sua colaboração com o Royal Court: estreia de <i>Objections to Sex and Violence</i> , com encenação de John Tydeman, e de <i>Moving Clocks Go Slow</i> , com encenação de John Ashford.
Anos de estudante, de Estudos Ingleses, no Lady Margaret Hall, em Oxford. Produções universitárias da peça em um acto <i>Downstairs</i> (1958), no âmbito do National Union of Students Festival (1959), e de <i>Having a Wonderful Time</i> (1960), no Questors Theatre, em Londres.	< 1957-60	Estreia teatral de <i>Perfect Happiness</i> , no Soho Poly, Londres.
Produções universitárias de <i>Easy Death</i> , na Oxford Playhouse, e da peça para vozes <i>You've No Need To Be Frightened</i> .	< 1961	1976 > Setembro, estreia de <i>Light Shining in Buckinghamshire</i> , no Traverse Theatre, Edimburgo, seguida de uma curta digressão e da sua apresentação no Royal Court Theatre Upstairs, Londres. Esta produção assinala o início da sua colaboração com o encenador Max Stafford-Clark e a Joint Stock Theatre Company.
Casamento com o advogado David Harter, 20 de Maio.		
Emissão de <i>The Ants</i> , a sua primeira peça radiofónica profissional.	< 1962	
Nascimento dos seus três filhos. Período passado em casa. Continua a escrever para a rádio: emissão de <i>Lovesick</i> (BBC Radio 3, 8 de Abril de 1967) e <i>Identical Twins</i> (1968).	< 1963-69	12 de Outubro, estreia de <i>Vinegar Tom</i> , no Humberside Theatre, em Hull, seguida de uma curta digressão e da sua apresentação no ICA e no Half Moon Theatre, em Londres. Primeira colaboração com o Monstrous Regiment; encenação de Pam Brighton.
Emissão das peças radiofónicas <i>Abortive</i> (BBC Radio 3, 4 de Fevereiro) e <i>Not Not Not Not Not Enough Oxygen</i> (BBC Radio 3, 31 de Março).	< 1971	

Janeiro, estreia de <i>Traps</i> , no Royal Court Theatre Upstairs, com encenação de John Ashford.	< 1977	1985 >	Publicação da sua primeira recolha de peças, <i>Plays: One</i> , Methuen, London, que inclui <i>Owners, Traps, Vinegar Tom, Light Shining in Buckinghamshire</i> e <i>Cloud Nine</i> .
Colabora em <i>Floorshow</i> , um cabaré itinerante, criado por Bryony Lavery, Micheline Wandor e David Bradford, produção do Monstrous Regiment.		1986	2 de Setembro, estreia de <i>A Mouthful of Birds (Uma boca cheia de pássaros)</i> , escrita em colaboração com David Lan, uma produção da Joint Stock, no Birmingham Repertory Theatre; depois de uma curta digressão, a peça é transferida para o Royal Court Theatre, Londres, a 27 de Novembro.
Produção televisiva de <i>The After-Dinner Joke</i> , com realização de Colin Bucksey (BBC 1, 14 de Fevereiro).	< 1978		Esta produção dá a oportunidade a Caryl Churchill de trabalhar com o coreógrafo Ian Spink, que assume, com Les Waters, a encenação.
Escreve <i>Seagulls</i> , uma peça ainda não representada.			
14 de Fevereiro, estreia de <i>Cloud Nine (Sétimo céu)</i> , no Darlington College of Arts, transferido, após uma curta digressão, para o Royal Court Theatre, Londres; produção da Joint Stock, com encenação de Max Stafford-Clark.	< 1979		
Produção televisiva de <i>The Legion Hall Bombing</i> , numa versão censurada, com realização de Roland Joffe, BBC.		1987	21 de Março, estreia de <i>Serious Money</i> , no Royal Court Theatre, Londres; depois transferido para o Wyndham's, Londres, e para Nova Iorque; encenação de Max Stafford-Clark.
9 de Junho, estreia de <i>Three More Sleepless Nights</i> , no Soho Poly, depois transferido para o Royal Court Theatre, Londres, encenação de Les Waters.	< 1980		
Produção televisiva de <i>Crimes</i> , com realização de Stuart Burge, BBC.	< 1981		Recebe diversos prémios, entre os quais um segundo Susan Smith Blackburn Award por <i>Cloud Nine</i> e um Olivier Award por <i>Serious Money</i> .
Estreia nova-iorquina de <i>Cloud Nine</i> , no Joseph Papp's Public Theatre.			

28 de Agosto, estreia de *Top Girls*, no Royal Court Theatre, Londres, depois transferida para Nova Iorque, Joe Papp's Public Theatre; encenação de Max Stafford-Clark.

*Cloud Nine* conquista o prémio Obie.

20 de Janeiro, estreia de *Fen*, produção da Joint Stock, encenação de Les Waters, no Teatro da Universidade de Essex, em Colchester; transferida para o Almeida Theatre, em Londres, a 16 de Fevereiro, e depois para Nova Iorque.

*Top Girls* conquista novo prémio Obie.

2 de Janeiro, estreia de *Sofcops*, escrita originalmente em 1978, no Barbican Pit, Londres, numa produção da Royal Shakespeare Company, encenação de Howard Davies.

Colaboração com Geraldine Pilgrim, Peter Brooks e John Ashford em *Midday Sun*, uma produção de "arte performativa", estreada no ICA, em Londres, experiência que traduz o seu interesse crescente por um teatro baseado não exclusivamente no texto.

Conquista o prémio dos "Hollywood Dramalogue Critics" por *Cloud Nine* e o prémio Susan Smith Blackburn por *Fen*.

< 1982    1988 > Colabora novamente com Ian Spink em *Fugue*, uma peça coreográfica, transmitida pela estação de televisão Channel 4.

*Serious Money* é apresentado na Broadway.

< 1983    A BBC transmite *The Caryl Churchill Omnibus*, um documentário sobre a dramaturgia e os seus processos de trabalho.

1990 > Parte para a Roménia acompanhada de estudantes de teatro da Central School of Speech and Drama, de Londres. Escreve depois *Mad Forest*, "uma peça da Roménia", estreada a 25 de Junho na escola já referida, a 17 de Setembro, no Teatro Nacional de Bucareste, e a 9 de Outubro, no Royal Court Theatre, Londres, com encenação de Mark Wing-Davey.

< 1984

- Publicação de mais duas recolhas das suas peças: *Plays: Two*, London, Methuen, que inclui *Softcaps, Top Girls, Fen, Serious Money*; e *Shorts*, London, Nick Hern Books, recolha das suas peças radiofónicas e peças breves: *Three More Sleepless Nights, Lovesick, The After-Dinner Joke, Abortive, Schreber's Nervous Illness, The Judge's Wife, The Hospital at the Time of the Revolution, Hot Fudge, Not Not Not Not Not Enough Oxygen, Seagulls*. **1990**
- 13 de Fevereiro, estreia de *Lives of the Great Poisoners*, em colaboração com Ian Spink e Orlando Cough, em Arnolfini; após uma curta digressão, o espectáculo é apresentado nos Riverside Studios, em Londres. **1991**
- Produção televisiva de *Top Girls*, BBC.
- 20 Janeiro, estreia de *The Skriker*, no Cottesloe, Royal National Theatre, Londres, encenação de Les Waters. **1994**
- 7 Junho, estreia da sua tradução de *Thyestes*, de Séneca, no Royal Court Theatre Upstairs, Londres, com encenação de James Macdonald.
- 15 Abril, estreia de *Hotel*, no Schauspielhaus Hannover, numa produção de Second Stride, nova colaboração com o coreógrafo Ian Spink e o músico Orlando Gough. Publicado pela Nick Hern Books, em associação com Second Stride. **1997**

25 Junho, estreia de *This a Chair*, no Duke of York's, produção do Royal Court Theatre, com encenação de Stephen Daldry.

14 Agosto, estreia de *Blue Heart* (espectáculo composto pelas peças *Heart's Desire e Blue Kettle*), no Traverse Theatre, em Edimburgo, numa produção conjunta de Out of Joint e do Royal Court Theatre, com encenação de Max Stafford-Clark. Publicação: London, Nick Hern Books, em associação com Out of Joint.

Publicação de *Plays: Three*, London, Nick Hern: *Icecream, Mad Forest, Thyestes, The Skriker, Lives of the Great Poisoners, A Mouthful of Birds*, **1998**

1-9 Julho, direcção da leitura encenada de *Our Late Night*, de Wallace Shawn, no Duke of York's (Royal Court Theatre Downstairs). **1999**

Publicação de *This a Chair*, London, Nick Hern Books.

23 Novembro, estreia de *Far Away [Distante]*, no Royal Court, Jerwood Theatre Upstairs, com encenação de Stephen Daldry. Publicação do texto pela Nick Hern Books. **2000**

22 de Janeiro, estreia de *Far Away*, no Théâtres des Bouffes du Nord, com tradução de Marie-Hélène Estienne e encenação de Peter Brook. **2002**

# Churchill em Portugal

*Top Girls* (*Top Girls*, 1982) Teatro Aberto, Lisboa  
Produção Novo Grupo | Agosto de 1993

*Versão* Melim Teixeira  
*Encenação* Fernanda Lapa  
*Cenário e figurinos* Juan Soutullo  
*Luz* Melim Teixeira  
*Interpretação* Angela Pinto, Cristina Carvalhal, Elsa Galvão, Irene Cruz, Maria Henrique, Paula Fonseca e Sofia de Portugal

*Sétimo céu* (*Cloud Nine*, 1979)  
Teatro Villaret, Lisboa e Auditório Nacional Carlos Alberto, Porto  
Co-produção Teatro Nacional D. Maria II e Escolha de Mulheres-Oficina de Teatro  
Estreado a 14 de Novembro de 1997

*Tradução* Paulo Eduardo Carvalho  
*Encenação* Fernanda Lapa  
*Cenografia* Ana Vaz  
*Figurinos* Maria Gonzaga  
*Música original e banda sonora* João Lucas  
*Movimento* Marta Lapa  
*Desenho de luz* Isabel Aboim  
*Esculturas de cena* Carlos Matos  
*Interpretação* António Cordeiro, Isabel Medina, Luís Castro, Maria Henrique, Paula Mora, Ricardo Carriço, Rogério Samora



***Uma boca cheia de pássaros* (A Mouthful of Birds, 1986)**

Sala Garrett do Teatro Nacional D. Maria II, Lisboa

Produção da Escola de Mulheres-Oficina de Teatro

Estreado a 6 de Dezembro de 1998

*Tradução*

*Encenação*

*Cenografia*

*Desenho de luz*

*Música*

*Interpretação*

Paulo Eduardo Carvalho

Fernanda Lapa e Francisco Camacho

Ana Vaz

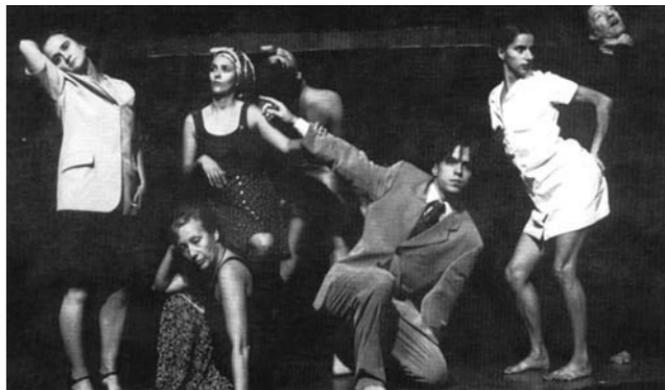
Maria Gonzaga

Daniel Worm d'Assumpção

Carlos "Zíngaro"

António Rama, Fátima Belo, Ivo Canelas,

Maria Henrique, Marta Lapa, Paulo Pinto e São José Lapa



Os ingleses são menos tranquilos do que pensamos. Por detrás das suas fachadas discretas escondem-se segredos apenas sussurrados, horrores inadmissíveis.

Os autores ingleses, sempre grandes apreciadores de mistérios, permitem-nos escutar o que brada nas profundezas. Com uma finura de estilo e um humor quase surrealista, Caryl Churchill penetra nas zonas mais obscuras da realidade quotidiana, onde a vida íntima se alia ao caos universal. *Distante*, a sua peça mais recente, está fora de qualquer categoria.

Peter Brook (2000)





21|22

## **Paulo Eduardo Carvalho**

### **Tradução**

Porto, 1964. Docente da Faculdade de Letras do Porto e investigador (Centro de Estudos de Teatro/FLUL; Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa/FLUP), tem-se dedicado ao estudo da literatura, e particularmente do teatro, de expressão inglesa, aos estudos de tradução e ao estudo do teatro português, do que tem resultado a sua participação em congressos, seminários, acções de formação e diversas publicações. Em colaboração com diferentes companhias de teatro e encenadores, traduziu, entre outros, textos de Brian Friel, Caryl Churchill, Martin Crimp, Howard Barker, Harold Pinter, Edward Bond, Mark Ravenhill, Alan Ayckbourn, Israel Horowitz, Raimondo Cortese, Marie Laberge, Luigi Lunari e Carlo Goldoni.

## **João Cardoso**

### **Encenação**

Nasceu no Porto em 1956. Trabalhou com os encenadores Moncho Rodrigues, Fernanda Lapa, João Paulo Costa, Peter Field, Rogério de Carvalho, Laurene Bonswell, Silviu Purcarete, Jorge Silva Melo, António Durães, Fernando Mora Ramos e Nuno Carinhas, entre outros, e com os realizadores Paulo Rocha e Fernando Lopes.

Fundador, director, encenador e actor da ASSÉDIO, encenou *O falcão*, de Marie Laberge, *Belo?*, de Gerardjan Rijnders, e *Três num balaioça*, de Luigi Lunari, participou como intérprete nos espectáculos *O falcão*, *Sexto sentido*, *Supernova*, *Peça com repetições*, *O Fantástico Francis Hardy*, *Curandeiro*, *(A)tentados*, *Três num balaioça*, *Tia Dan e Limão*, e como encenador e intérprete, em *Cinza às cinzas*, de Harold Pinter. Encenou ainda *No reino da bicharada*, de Manuel António Pina (TEP/1996) e *Comédia de bastidores*, de Alan Ayckbourn (TEP/1997)

## **Bernardo Monteiro** **Figurinos e chapéus**

Formado em design de moda pelo CITEX, Porto. Trabalhou em vários projectos, sendo designer de marcas como Silva & Sistelo, Paulina Figueiredo, Obsessão, Gianonne e Garros, entre outros.

Concebeu os figurinos de *(A)tentados*, de Martin Crimp, encenação de João Pedro Vaz (ASSÉDIO/2000), *Três num baloiço*, de Luigi Lunari, encenação de João Cardoso (ASSÉDIO/2001) e *Cinza às cinzas*, de Harold Pinter, encenação de João Cardoso e Rosa Quiroga.

## **Nuno Meira** **Desenho de luz**

Nasceu em 1967. Trabalhou, entre outros, com os encenadores António Durães, António Fonseca, António Lago, Afonso Fonseca, Fernando Candeias, Fernando Moreira, João Cardoso, João Pedro Vaz, Manuel Sardinha, Nicolau Pais, Nuno Carinhas, Ricardo Pais e Nuno M. Cardoso, e com o coreógrafo Paulo Ribeiro. Foi sócio fundador do Teatro Só, e pertenceu à equipa de luz do TNSJ. Desenhou a luz dos seguintes espectáculos do Teatro Só: *India Song* e *Doença da morte*, de Marguerite Duras, *Máquina Hamlet* e *Material Müller*, de Heiner Müller, *Creda*, de Enzo Corman, *Roberto Zucco* e na *Solidão dos campos de algodão*, de Koltès, *A força do hábito*, de Thomas Bernard. Outros trabalhos de desenho de luz incluem: *Tristes europeus* (CPR), *1 Inferno*, de Steven Berkoff (CTB), *Invenção do amor*, de Daniel Filipe, *Despertar da Primavera*, de Wedekind (TSM, Braga), *A dor*, de Marguerite Duras (sem.teia), *O espantalho teso*, de Jorge Loureiro Figueira (T-Zero), *Hamlet*, de William Shakespeare (encenação de Ricardo Pais). Sócio fundador do "O Cão Danado e Cª.", onde desenhou a luz de *Psychosis*, de vários autores. Colaborador regular da ASSÉDIO, assegurou os desenhos de luz de todos os seus espectáculos: *O falcão*, de Marie Laberge, *Belo?*, de Gerardjan Rijnders, *Peça com repetições* e *(A)tentados*, de Martin Crimp, *O Fantástico Francis Hardy*, *Curandeiro*, de Brian Friel, *Três num baloiço*, de Luigi Lunari, *Dorme devagar*, de João Tuna, *Doze nocturnos em teu nome*, de Maria Gabriela Llanos (textos) e Amílcar Vasques Dias (música), *Tia Dan* e *Limão*, de Wallace Shawn, *Cinzas às cinzas*, de Harold Pinter.

## **Francisco Leal Sonoplastia**

Nasceu em Lisboa, em 1965. É responsável pelo Departamento de Som do Teatro Nacional S. João, no Porto.

Efectuou estudos de música na Academia de Amadores de Música e na Escola de Jazz do Hot Clube de Portugal, em Lisboa.

Iniciou a sua actividade profissional em teatro, como Sonoplasta, em 1988. Em 1989, ingressou no Angel Studio, onde aprendeu técnicas de captação e gravação de som. Desde então a sua actividade tem-se dividido entre espectáculos de teatro, dança, música e a gravação e edição de som.

No Desenho de Som e Sonoplastia, as suas colaborações mais recentes foram *Frei Luís de Sousa*, encenação de José Wallenstein, *Cinza às cinzas*, encenação de João Cardoso e Rosa Quiroga, *Hamlet*, encenação de Ricardo Pais e *A deriva dos fragmentos*, encenação de Carlos J. Pessoa.

## **Alexandra Gabriel Interpretação (Joan)**

Nasceu em Castelo Branco, em 1972. Concluiu o curso de Teatro/Interpretação na A.C.E. em 96, com *Escapes*, uma produção dos Meta-MortemFase, encenada por Rogério de Carvalho. Ainda em 96 integrou o elenco de *India Song*, de Marguerite Duras, no Teatro Só, com encenação de António Lago. Em 97, reencontra Rogério de Carvalho n'As Boas Raparigas... em *4 horas em Chatila*, de Jean Genet. Na mesma companhia participou em *Histórias mínimas*, de Javier Tomeo; *O Paraíso*, de Alberto Moravia; *Limites-Prólogo*, de Michel Azama; *Possibilidades*, de Howard Barker; *Abecedário*, de Heiner Müller; e *Fédon*, de Platão, sempre com encenações de Rogério de Carvalho. Entretanto, no Ensemble, participou em *Audição*, de Michel Deutsch, encenado por João Grosso, e *Pervertimento*, de Sanchis Sinisterra, encenado por António Capelo. Trabalhou ainda com Júlia Correia em *Tens um i?*, José Carretas em *Nordestes* e Gilberto Hinça Kobachuk em *Surpresa e Magia musical*. Desde 96, tem trabalhado com Junior Sampaio no Entretanto-Teatro onde conta já com 7 produções na sua maioria para o público infantil. Actualmente, faz dobragens de desenhos animados e apresenta um programa na NTV.

**Paulo Freixinho**  
**Interpretação (Todd)**

Nasceu em Coimbra, 1972. Fez o curso de Teatro/Interpretação da ACE. Foi co-fundador do Teatro Bruto.

Trabalhou com os encenadores Silvío Purcarete, Filipe Crawford, José Caldas, João Garcia Miguel, Alexandru Dabija, António Capelo, Nuno Carinhas, Ricardo Pais, José Carretas, José Wallenstein, Rogério de Carvalho, Francisco Alves.

Participou em espectáculos como *As cadeiras* (CNP), *O vendedor de milagres* (Seiva Trupe), *Tristerra*, *Auto do bai*, *Abraça-me*, *Terra e sangue*, *La Dinamica dell' Acqua*, *AR – do Vinho*, *Mais vale só que*, *Encarnado*, *Caleidoscópico* (Teatro Bruto), *Camino Real* (ACE), *A tempestade*, *A tragicomédia de Dom Duardos*, *A hora em que não sabíamos nada uns dos outros* (TNSJ), *Arranha céus* (Teatro Bruto/TNSJ/Dramat), *L'Amore Industrioso* (Porto 2001), *Uriel Acosta* (As Boas Raparigas), *Depois do paraíso* (Teatro Plástico). Foi co-responsável pela encenação e argumento de *Mais vale só que*, *Encarnado* e *Caleidoscópico* (Teatro Bruto). Foi assistente de encenação de *Três num baloiço*, encenação de João Cardoso (ASSÉDIO) e *Cinza às cinzas*, encenação de João Cardoso e Rosa Quiroga.

**Rosa Quiroga**  
**Interpretação (Harper)**

Nasceu em Caracas, Venezuela, em 1957. Trabalhou, entre outros, com os encenadores Moncho Rodrigues, Fernanda Lapa, João Paulo Costa, Peter Field, Rogério de Carvalho, Ulysses Cruz, João Cardoso, António Durães, Fernando Mora Ramos e Nuno Carinhas, e com os realizadores José Fonseca e Costa e Solveig Nordlund. Foi membro do TUP, sócia-fundadora de Os Comediantes e da ACE, trabalhou no TEP, TEAR, Seiva-Trupe e TNSJ. Fundadora, directora e actriz da ASSÉDIO, participou nos espectáculos *O falcão*, *Belo?*, *Sexto sentido*, *Supernova*, *Peça com repetições*, *O Fantástico Francis Hardy*, *Curandeiro*, *(A)tentadas*, *Três num baloiço*, *Tia Dan* e *Limão e Cinza às cinzas*.

Tem, durante toda a sua carreira, orientado oficinas de teatro com jovens e crianças

ASSÉDIO

(ASSOCIAÇÃO DE IDEIAS OBSCURAS)

Breve historial

Para informações mais detalhadas, consulte:  
<http://pagina.de/assedio>





1998 | 22 Outubro-11 Novembro, ANCA,  
Porto  
1999 | 8-13 de Setembro, CCB, Sala de  
Ensaio, Lisboa

**O falcão**, de Marie Laberge, tradução de  
Paulo Eduardo Carvalho e Pedro Feijó  
Cunha, encenação de João Cardoso,  
cenografia e figurinos de Cristina Costa,  
desenho de luz de Nuno Meira, interpre-  
tação de João Pedro Vaz, João Cardoso e  
Rosa Quiroga



© Paulo Moura

1999 | 25 Fevereiro, Arquivo Distrital de Vila Real

**leituras. garrett**, leitura encenada de textos de Almeida Garrett,  
concepção e leitura de João Pedro Vaz, música de Pedro Cabral  
e Rui Capitão  
em co-produção com a Delegação Regional da Cultura do Norte

1999 | 23 Abril, ruas do Porto

**A Poesia está na rua**, coordenação de uma iniciativa do Inatel e da Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Porto, com a colaboração de diversas companhias, actores e outras pessoas da cidade

1999 | 30 Junho-3 Julho, Balleateatro Auditório, Porto

**Sexto sentido**, exercício teatral escrito a quatro mãos (Abel Neves, António Cabrita, Francisco Duarte Mangas e Regina Guimarães), direcção cénica de Fernando Mora Ramos e Nuno Cardoso, interpretação de Ângela Marques, João Cardoso, João Pedro Vaz, Paulo Moura Lopes, Rosa Quiroga e Rute Pimenta uma iniciativa do DRAMAT/TNSJ, a pretexto de Almeida Garrett



1999 | 22-29 Julho, Rivoli Teatro Municipal, Pequeno Auditório, Porto

1-6 Setembro, CCB, Sala de Ensaio, Lisboa

2001 | 25 Abril-3 Maio, Rivoli Teatro Municipal, Pequeno Auditório, Porto

**Belo?**, de Gerardjan Rijnders, tradução de Maria Clarinda Moreira, encenação de João Cardoso, cenografia de Cristina Costa, figurinos de Manuela Ferreira, desenho de luz de Nuno Meira, interpretação de Anabela Fernandes, João Pedro Vaz e Rosa Quiroga em co-produção com o Centro Cultural de Belém, a Culturporto e Porto 2001

29|30

1999 | 11-28 Novembro, ANCA, Porto  
2000 | 11-14 Outubro, CCB,  
Pequeno Auditório, Lisboa

**Peça com repetições**, de Martin Crimp, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de António Durães, cenografia de João Sotero, figurinos de Manuela Ferreira e Victor Gonçalves, desenho de luz de Nuno Meira, música de Pedro Trêpa, interpretação de João Cardoso, João Pedro Vaz, Paulo Moura Lopes, Rosa Quiroga e Rute Pimenta em co-produção com o ANCA



2000 | 21-22 Março, Teatro Vila Velha, Salvador, Bahia, Brasil  
28 Junho-9 Julho, Teatro Nacional S. João  
2001 | 15-18 Março, A Capital (Artistas Unidos), Lisboa  
27 Março (Dia Mundial do Teatro), Teatro Académico Gil Vicente,  
Coimbra

**O Fantástico Francis Hardy, Curandeiro**, de Brian Friel, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação, cenografia e figurinos de Nuno Carinhas, desenho de luz de Nuno Meira, voz e elocução de Luís Madureira, interpretação de João Cardoso, Rosa Quiroga e João Pedro Vaz em co-produção com o TNSJ

2000 | 25 Abril-13 Maio, Teatro Vilha Velha, Salvador, Bahia, Brasil  
24-28 Maio, Rivoli Teatro Municipal, Grande Auditório, Porto  
1-10 Junho, Teatro Garcia de Resende, Évora  
16-17 Junho, Teatro Viriato, Viseu

**Supernova**, de Abel Neves, encenação de Fernando Mora Ramos, cenografia de Márcio Meireles, música de Carlos Alberto Augusto, movimento de Paulo Ribeiro, colaboração dramática de Paulo Eduardo Carvalho, com Chica Carelli, Cristina Dantas, Fernando Fulco, Gordo Neto, Gustavo Melo, Isabel Bilou, João Cardoso, João Pedro Vaz, José Russo, Karina de Faria, Rosa Quiroga uma iniciativa do Dramat/TNSJ, em co-produção com o CENDREV e o Teatro Vila Velha/Companhia de Teatro dos Novos, e a colaboração do CAEV de Viseu, da Cena Lusófona e da ASSÉDIO

2000 | 22-24 Setembro, Rivoli Teatro Municipal, Grande Auditório, Porto  
4-7 Outubro, CCB, Pequeno Auditório, Lisboa  
20 Outubro, Teatro Sá de Miranda, Viana do Castelo

**(A)tentados**, de Martin Crimp, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de João Pedro Vaz, cenografia de João Sotero e ASSÉDIO, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, com Cecília Fernandes, João Cardoso, João Pedro Vaz, Jorge Mota, Nicolau Pais, Rosa Quiroga e Susana Barbosa em co-produção com a Culturporto



© João Tuna



© João Tuna

2001 | 17-31 Maio, Balleateatro Auditório, Porto

**Três num baloiço**, de Luigi Lunari, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de João Cardoso, cenografia de Fernando Afonso, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, interpretação de João Cardoso, João Pedro Vaz, Jorge Mota e Rosa Quiroga.

em co-produção com a Porto 2001/ Capital Europeia da Cultura

19 Maio 2001, Balleateatro Auditório, Porto

Apresentação de *Três num baloiço*, com a presença de Luigi Lunari, primeiro número da colecção "assédio édissao"



© João Tuna

2001 | 29 Junho-3 Julho, Balleateatro Auditório, Porto

**Dorme devagar**, de João Tuna, encenação de Nicolau Pais, cenografia de Raul Constante Pereira, figurinos de Cristina Costa, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal, interpretação de João Pedro Vaz e Rute Pimenta  
em co-produção com o TNSJ (no âmbito da Mostra de Dramaturgias Emergentes)

2001 | 17-19 Julho, Rivoli Teatro Municipal, Pequeno Auditório, Porto  
1 Outubro, Teatro Académico Gil Vicente, Coimbra

**Doze nocturnos em teu nome**, de Maria Gabriela Llansol (textos) e Amílcar Vasques Dias (música), interpretação ao piano de Álvaro Teixeira Lopes, voz e direcção cénica de João Pedro Vaz, direcção plástica de Cristina Costa, desenho de luz de Nuno Meira com o apoio da Culturporto



© João Tuna

2001 | 8-14 Dezembro, Teatro do Campo Alegre, Porto

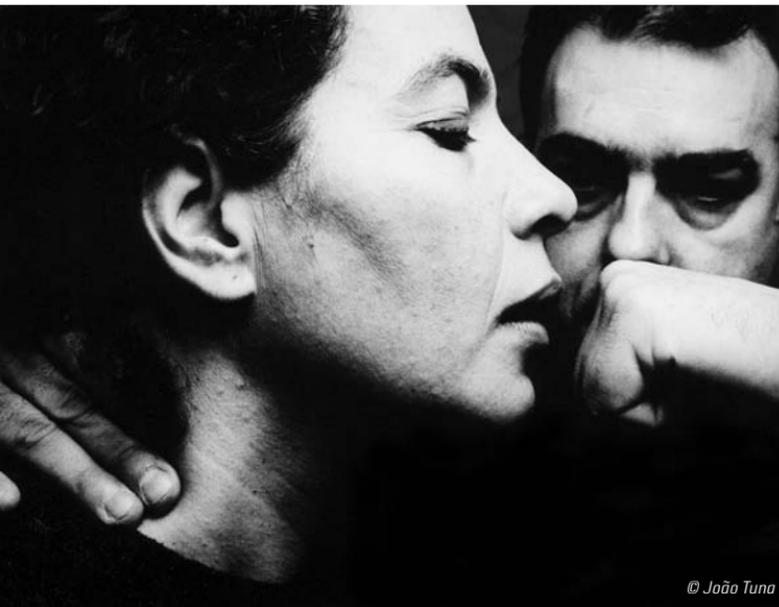
**Tia Dan e Limão**, de Wallace Shawn, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação de Nuno Carinhas, cenografia de Ana Vaz e Nuno Carinhas, figurinos de Cristina Costa e Nuno Carinhas, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal, interpretação de António Durães, Cecília Laranjeira, João Cardoso, Lígia Roque, Rosa Quiroga, Rute Pimenta e Sérgio Praia

8 Dezembro, Teatro do Campo Alegre, Porto

Lançamento de *Tia Dan e Limão*, segundo número da colecção "**assédio édissao**"



© João Tuna



© João Tuna

2002 | 21 Fevereiro - 10 Março, n'A Capital (Teatro Paulo Claro), Lisboa

15-27 Março, Rivoli Teatro Municipal, Pequeno Auditório, Porto

**Cinza às cinzas**, de Harold Pinter, tradução de Paulo Eduardo Carvalho, encenação e interpretação de João Cardoso e Rosa Quiroga, espaço cénico de Cristina Costa, figurinos de Bernardo Monteiro, desenho de luz de Nuno Meira, sonoplastia de Francisco Leal e assistência de encenação de Paulo Freixinho em co-produção com Artistas Unidos e Culturporto

27 Março, Rivoli Teatro Municipal

leitura de *Língua da montanha* e *A nova ordem mundial*, de Harold Pinter, tradução de Paulo Eduardo Carvalho

2002

**O triunfo do amor**  
de Marivaux

Estreia prevista 10 de Outubro no TNSJ

**Distante**

de Caryl Churchill

Reposição 19|20|21 de Dezembro no Rivoli Teatro Municipal

Agradecimentos ESMAE  
Hospital Conde Ferreira  
J. Espírito Santo  
Teatro Nacional S. João

Ana Vaz  
António Durães  
Cristina Costa  
João Pedro Vaz  
Lígia Roque  
Manuela Ferreira  
Maria João Silva  
Rute Pimenta  
Susana Menezes  
Alice Tavares  
Jorge Azevedo

co-produção



com o apoio



companhia subsidiada por



apoios



